

SINA DE UM TROPEIRO
(Carlos Eugênio Costa da Silva)

Passo a passo cuidadoso
emalou os seus arreios:
bucal, peiteira, o freio,
carona, basto e pelego.
O arrelhador por apego
segurou em sua mão
enquanto apertava tudo
com o látego do cinchão.

Pai, larga esta vida
“bamo” embora da cidade,
tu não tem necessidade
nem condições pra ficar.
Vamos, eu vim te buscar,
te agasalhar no meu teto,
te esperam ansiosos
a tua nora e teu neto.

Olhou firme no horizonte
como enxergando uma vida,
ou quem sabe a despedida
entre terra e peão.
Trapeiro por profissão,
Serrano de nascimento
viu a velhice e o cansaço
lhe tirarem o sustento.

Se foi pra dentro “das casa”
pegou o chapéu, a mala:
pro frio vou levar meu pala,
minhas botas e meu lenço.
Cidade é dura e já penso
não vou me acostumar,
mas juro, nada me impede
de pro campo retornar.

Embarcou na camionete,
quieto, em silêncio, calado,
e o coração apertado
era potro em disparada.
A tropa berra abombada
e ele quieto, calado,
sentiu camperear as lágrimas
naquele rosto enrugado.

Passou toda a viagem
em nada atenção prestando:
-Pai, já estamos chegando

seja bem-vindo a cidade,
sei que é contra tua vontade
mas tenta te acostumar,
trabalhaste a vida inteira
agora tens que descansar.

Subiu pro apartamento
embretado no elevador:
-Filho, não guarde rancor
mas a este velho entenda,
eu longe lá na fazenda
por mais que tenha carinho
sou ovelha em meio ao sorro,
sou um pássaro sem ninho.

Foi camperear pelas ruas
sem ter paradeiro certo,
não tinha gado por perto,
brete, pastagem, balança,
somente a esperança,
não havendo melhor sorte
ir tropear gado de sonhos
no lombo duro da morte.

Só via tropas de lata
em corredores de asfalto,
buzinas, roncões bem alto
vibravam fundo na alma,
e antes de perder a calma
com os fatos do dia a dia
no semblante de seu neto
esqueceu tudo que via.

Teve sua infância humilde
passando diante de si,
de quando era um guri
de bombacha remangada,
sem a preocupação de nada
sem mágoas no coração,
e seu mundo era os brinquedos
e o petiço alazão.

Lembrou do banho de sanga,
Da funda de laranjeira,
das apostas na carreira:
-dou dobre e luz para o baio.
Dos olhares de soslaio
pra menina apaixonada
e a escramuça no cavalo
encantava a namorada.

Lembrou das lides gaúchas:
Banho, dose, marcação.
Da doma: tombo no chão
até deixar de ter medo.
Da ordenha feita bem cedo
seguida da reculuta,
depois do almoço a seteada
saboreando alguma fruta.

-Pai, Pai, te atina. O que é isso,
anda sonhando acordado,
pensativo ai parado
até parece um tumbeiro.
Onde está aquele tropeiro
de pé com a madrugada,
que entre trabalho e causo,
nunca parava, por nada.

Ah Pai, que é que eu faço,
tu vida aqui empaca,
touro em campo alheio é vaca
assim nos diz o ditado.
Pega as coisas num riscado,
não adianta, é teu destino,
pois quem nasceu pra tropeiro
nunca será citadino.